

Fé católica e espiritualidade cosmoteândrica: aproximações e distanciamentos entre o pensamento de Jean Mouroux e Raimon Panikkar

Marina Dias Lopes Paiva *

Resumo

A fé é o princípio da salvação, por meio da qual a presença de Deus se realiza. Como resposta livre e viva a uma Palavra que interpela o crente pessoalmente no centro do seu ser, a fé atualiza a união homem-Deus. À vista disso, é tarefa da teologia manter a vitalidade da fé, de modo a garantir seu dinamismo e renovação. Neste artigo, pretendemos promover uma relação entre a fé católica e a espiritualidade cosmoteândrica, tomando como base os estudos de Jean Mouroux e Raimon Panikkar, respectivamente. Enquanto a fé católica parte de um evento histórico e singular - a encarnação de Deus feito homem -, a espiritualidade cosmoteândrica propõe uma abordagem mais holística, a qual visa ao diálogo entre as tradições ao pressupor que a realidade é advinda de uma íntima relação entre Deus-homem-cosmos. Assim, apresentaremos ambas perspectivas para, em seguida, verificarmos suas aproximações e seus distanciamentos, no intuito de colaborar para o aprofundamento da fé bem como para sua abertura ao mundo.

Palavras-chave: Fé. Palavra de Deus. Salvação. Espiritualidade cosmoteândrica. Visão trinitária.

* Marina Dias Lopes Paiva é mestranda em Teologia na FAJE e bolsista da FAPEMIG. E-mail: marinadiasp@gmail.com.

Abstract

Faith is the principle of salvation through which God's presence is realized. As a free and living response to a Word that approaches the believer personally in the center of his being, faith actualizes the union between man and God. In view of this, it is theology's task to maintain the vitality of the faith, so as to guarantee its dynamism and renewal. In this article, we intend to promote a link between the catholic faith and cosmotheandric spirituality, based on the studies of Jean Mouroux and Raimon Panikkar, respectively. While the catholic faith starts from a historical and unique event - the incarnation of God made man -, cosmotheandric spirituality proposes a more holistic approach, which aims at the dialogue between traditions by assuming that reality comes from an intimate relationship between God-man-cosmos. Thus, we will present both perspectives and then verify their approximations and their distances, in order to collaborate for the deepening of the faith as well as for its opening to the world.

Keywords: Faith. God's Word. Salvation. Cosmotheandric spirituality. Trinitarian vision.

Introdução

Em sua primeira carta Encíclica, *Lumen Fidei*, publicada em 2013, fala-nos Papa Francisco que todo aquele que crê é capaz de enxergar de um modo muito particular, pois tem a visão iluminada por uma luz que clareia seu percurso. Invocando os dizeres de Jesus no Evangelho de João - "Eu vim ao mundo como luz, para que todo o que crê em Mim não fique nas trevas" (Jo 12,46) - Francisco nos convida a resgatar a fé em seu caráter luminoso, a qual nos concede "novos olhos" e nos amplia a percepção: "A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada, orientando os nossos passos no tempo" (LF, n. 4). O Sumo Pontífice ainda nos desperta para o fato de que a fé brota a partir de um encontro pessoal com o Deus vivo que nos revela o seu amor, cuja natureza nos transforma integralmente, por meio da Palavra encarnada, que é Jesus Cristo. Nessa perspectiva, pela fé, unimo-nos a Cristo a fim de que possamos acreditar, participar do seu modo de ver e, por fim, salvar-nos: "A fé em Cristo salva-nos, porque é n'Ele que a vida se abre radicalmente a um Amor que nos precede e transforma a partir de dentro, que age em nós e conosco" (LF, n. 20). Com esta breve introdução ancorada na *Lumen Fidei*, desejamos sustentar que o tema da fé é sempre atual e deve ser mantido vivo, a fim de nos aprofundarmos, cada vez mais, em nossa experiência cristã de Deus.

Para Jean Mouroux, "a fé atualiza o encontro inicial do homem com Deus" (MOURoux, 1970, p. 79, tradução nossa) e, portanto, é considerada a raiz da qual se produzem todos os movimentos seguintes. De acordo com o autor, para o cristão, enquanto a fé é a verdade absoluta apoiada no único pilar que é Jesus Cristo, o cristianismo se apresenta como a verdade sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo. Nesse sentido, Mouroux reforça que a realidade da fé não é abstrata, uma vez que parte de uma experiência concreta e histórica, da qual se originou um acontecimento social e individual: a encarnação de Deus feito homem (Ibid., p. 80). Embora derive de uma ocorrência única, a fé cristã se caracteriza por perenidade, pois "[Deus] continua atuando no coração de cada um dos homens por meio da graça de Cristo, para que todos os homens possam penetrar o mistério da vida e da vitória de Cristo" (Ibid., p. 80, tradução nossa).

Raimon Panikkar, por sua vez, sustenta, a partir de uma visão trinitária, que Deus-homem-cosmos são as três dimensões que constituem toda existência, relacionando-se reciprocamente e compondo uma unidade orgânica. A intuição do teólogo índio-catalão busca superar as fragmentações da era contemporânea, a partir de uma percepção integrada, em que a verdadeira realidade é uma íntima colaboração entre Deus, o Homem e o Mundo "para fazer avançar a história, para continuar a criação" (PANIKKAR, 2016, p. 177). Conforme explica o autor, a concepção cosmoteândrica não deseja dominar a terra, nem conquistar o céu, mas, por avistar o divino na humanidade, almeja alcançar a plenitude do homem. Assim, sob a ótica cristã, Jesus Cristo representa o símbolo cosmoteândrico por excelência:

Podemos partir da Tri-unidade cristã e afirmar que a revelação cristã da Divindade é válida *ad intra* e também *ad extra*, que a estrutura trinitária do todo corresponde a uma origem, a uma realidade e a uma dinâmica: Pai, Filho e Espírito Santo. Cristo seria o símbolo cosmoteândrico *kat' exochen*. Ele é inteiro e indivisível, sem misturar o divino com o humano e o cósmico. (PANIKKAR, 2016, p. 228, tradução nossa)

Diferentemente de Mouroux, para além das manifestações individuais e culturais, a intuição cosmoteândrica de Panikkar permite enxergar e viver a realidade da fé pelo interior, acentuando sua profundidade e transcendendo os domínios da individualidade. Além de proporcionar um mergulho intenso em nossas próprias crenças, tal percepção acerca da fé colabora para o avanço do diálogo inter-religioso, assunto de grande importância para os tempos atuais.

Diante do exposto, propomo-nos a estudar o pensamento de Jean Mouroux acerca da natureza e da estrutura da fé católica, colocando-o em perspectiva com os aspectos da espiritualidade cosmoteândrica de Panikkar, de modo a encontrarmos, sem pretensão de esgotarmos o assunto, algumas de suas principais aproximações e distanciamentos. Para

tanto, num primeiro momento, apresentaremos um sobrevoo pelas reflexões de Mouroux para, então, compreendermos, de maneira breve, a visão trinitária e cosmoteândrica de Panikkar. Por fim, trataremos de conjugar ambas visões, a fim de cumprirmos com os objetivos do presente artigo.

1. A natureza e a estrutura da fé católica em Jean Mouroux

De acordo com o teólogo espanhol Juan Alonso, o trabalho de Jean Mouroux cumpriu um papel importante na construção da teologia da fé e da experiência cristã, desenvolvendo reflexões sobre o encontro do homem com Deus na fé, a partir de uma perspectiva personalista (ALONSO, 2006, p. 179-180). A fim de organizar uma análise em torno da natureza e da estrutura da fé católica, Mouroux assume o tema do ato de fé, dividindo-o em duas dimensões: como resposta à Palavra de Deus e como resposta dentro do contexto da graça de Deus. Nas páginas a seguir, pretendemos compreender, de maneira sintética, os principais aspectos que caracterizam o pensamento do teólogo francês a esse respeito.

1.1. O ato de fé como resposta à Palavra de Deus

No intuito de embasar seu raciocínio, Jean Mouroux toma como ponto de partida o objeto da afirmação de fé, que é a Palavra de Deus, de modo a ressaltar que esta "Palavra" de maneira alguma é contrária à ação. Nessa perspectiva, para falarmos de palavra na visão católica, é necessário nos ancorarmos na concepção de movimento, uma vez que "o Deus que fala, fala através de suas obras" (MOUROUX, 1970, p. 81). No entanto, uma palavra que se comunica aos homens precisa, portanto, ferir seus sentidos, de modo a se fazer compreendida em termos humanos. À vista disso, explica-nos Mouroux que a palavra de Deus assume a forma humana, a fim de atingir a percepção que nos constitui homens, manifestando-se de três maneiras: por meio dos profetas, por meio do Cristo e por meio da Igreja (Ibid., p. 81). Fala-nos a *Profissão da Fé Cristã*, que Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, consubstancial ao Pai, gerado, não criado, constituindo-se, inseparavelmente, de natureza humana e divina (cf. n. 464, n. 465 e n. 469). Compreendendo esta verdade acerca de Jesus Cristo, centro da fé católica, podemos afirmar que a Palavra de Deus é a Palavra de Cristo, a qual, por sua vez, é genuinamente humana. Segundo Mouroux, o fato de que de esta palavra humana é a palavra de Deus institui o mistério objetivo da fé:

O que isso significa? Significa, em primeiro lugar, que esta palavra humana é a Palavra que vem de Deus; ela nos transmite a verdade

que vem do alto, é um presente do Pai das Luzes. (...) É a Palavra de Deus também porque ela nos revela Deus, substituindo a intuição que nos falta e a visão direta que nos foi concedida aqui embaixo. Ela nos remete àquilo que não podemos ver. (...) É a Palavra de Deus porque é falada pelo próprio Deus, por Deus feito homem. (MOURoux, 1970, p. 81-82, tradução nossa)

Dessa maneira, na fé católica, consideramos, com base no prólogo do Evangelho de João, que Jesus Cristo é, ele mesmo, a Palavra de Deus: palavra feita carne, que expressa a verdade divina. A partir disso, Mouroux nos apresenta o triplo aspecto da palavra nos Evangelhos, o qual resumimos a seguir.

PALAVRA FALADA	A palavra é expressa em termos humanos e fórmulas.
PALAVRA CONTEMPLADA	A palavra é contemplada em uma experiência por trás das fórmulas e das palavras faladas.
PALAVRA PESSOAL	A palavra é uma pessoa divina que se revela por meio de suas ações e palavras.

Quadro organizado a partir dos conceitos de Jean Mouroux (1970, p. 82).

Quando observada com base no Novo Testamento, a Palavra, de acordo com Mouroux, apresenta-se em dois aspectos: é verdadeiramente divina e é irradiada por meios efetivamente humanos (MOURoux, 1970, p. 83). Sob essa ótica, também fazem parte da manifestação divina os diversos sinais presentes nos Evangelhos, que provam a presença de Deus e sua comunicação conosco. Dentro desse contexto, Mouroux nos esclarece que a Palavra de Deus também é transmitida pela Igreja, a qual prega a palavra falada: "a preserva, a proclama e a explica. O Concílio Vaticano I disse que a Igreja é (...) a guardiã e, conseqüentemente, a professora da palavra revelada" (Ibid., p. 84, tradução nossa).

Tal palavra expressa, ainda, o mistério da salvação em Jesus Cristo, aquele que, concomitantemente, expressa o mistério do homem e nos faz ver Deus (MOURoux, 1970, p. 85). Por se caracterizar como humana e divina, a Palavra de Deus, sob o prisma católico, nunca se trata de algo abstrato, mas, sim, de uma conversa pessoal, na qual a verdade e o amor andam sempre juntos.

Nunca podemos separar estas duas coisas; Deus é ambos. (...) O amor é o conteúdo e a verdadeira realidade de toda a verdade cristã; e a verdade é a lei interior da caridade e do amor, tanto mais que uma coisa não pode existir sem a outra. (...) Este único objeto, que é verdade e caridade, está dividido em várias verdades

chamadas dogmas, que são noções (...) específicas, e que, reunidas, formam um Credo. (MOUROUX, 1970, p. 85-86).

Em consonância com o raciocínio apresentado até aqui, no que tange à natureza da afirmação da fé católica, Mouroux sustenta que esta não contradiz a psicologia humana. Ao contrário, o contato de Deus com o homem acontece por meio de um elemento particularmente humano: o julgamento advindo do intelecto (MOUROUX, 1970, p. 89). Por isso, podemos afirmar que o ato de fé é, simultaneamente, sobrenatural e racional e, portanto, auxilia a manter viva a tensão entre humano-divino/homem-Deus, estabelecendo uma relação dinâmica e pessoal que nos respeita profundamente enquanto humanidade.

Em seu aspecto sobrenatural, a afirmação de fé só pode ser realizada por meio da graça de Deus, o qual representa "a primeira Verdade" (MOUROUX, 1970, p. 90). Nesse sentido, conforme o pensamento de Mouroux, o conhecimento humano surge do encontro entre os objetos criados por Deus e a inteligência dada por Deus com "um raio de luz eterna" (Ibid., p. 91). Tal luz, ao nos penetrar intimamente, dá-nos uma compreensão nova, que nos permite afirmar nossa fé e, assim, "a afirmação da fé surge (...) quando o objeto do pensamento de Deus encontra a própria compreensão de Deus" (Ibid., p. 91). Por conseguinte, o conhecimento advindo da fé é algo que acontece por uma intervenção pessoal de Deus, isto é, não parte dos processos internos do pensamento e, por isso não pode ser apreendido com os olhos, mas deve ser aceito como um mistério.

Na fé não há nenhum objeto que possa ser logicamente deduzido, nenhuma verdade que possa ser demonstrada; não há nenhum conhecimento que venha de dentro. Há, pelo contrário, uma presença à qual me abro e uma verdade que afirmo porque é Deus quem me revela. É por isso que dizemos que a fé é uma homenagem perfeita que o entendimento e a vontade rendem ao Deus revelador. (MOUROUX, 1970, p. 94).

Em seu aspecto racional, a afirmação de fé apresenta sinais, por meio dos quais reconhecemos o diálogo de Deus conosco (MOUROUX, 1970, p. 95). Para Mouroux, o sinal é capaz de trazer para o visível algo que é da ordem do invisível e, por isso, está intrinsecamente ligado à percepção sensorial, cujas particularidades fazem o intercâmbio entre duas dimensões - a humana e a divina. O âmbito dos sinais nos pede, no entanto, a ativação das faculdades interpretativas, uma vez que "entender um sinal é entender seu significado" (Ibid., p. 96). Para tanto, de acordo com Mouroux, é necessário que o inteligível seja apreendido por meio do sensorial, em um processo que se dá gradualmente, de modo que a compreensão e a apreensão dos significados se complexificam à medida que nos aprofundamos na experiência. Dessa maneira, explica-nos o teólogo francês

que a fé é racional não como uma teoria, mas como a demonstração de um dever:

A fé satisfaz todas as exigências intelectuais não por meio de uma demonstração necessária, mas por meio da compreensão de um significado. Como disse Tomás de Aquino, o papel dos sinais é "mostrar por meio de provas". (MOUROUX, 1970, p. 98).

1.2. O ato de fé como resposta dentro do contexto da graça de Deus

Embora esteja vinculada ao nível do mistério e, portanto, constitua uma dimensão mais profunda do ato de fé, a graça é considerada um apelo real disponível a todos os homens, por meio da qual é possível atingir a plenitude da fé (MOUROUX, 1970, p. 104). Para Mouroux (p. 104), a existência de cada ser humano é, em si mesma, uma graça primária, a qual atua como chamado de Deus à fé. Nesse sentido, a fim de alcançar cada individualidade, a graça se estabelece em dois âmbitos complementares e coexistentes: um externo (ligado à Palavra de Deus, aos sinais, à Igreja e aos testemunhos) e um interno (ligado ao mistério de Deus que nos penetra, ilumina e atrai). Em sua primeira ação diante do homem, Mouroux (1970, p. 105) esclarece que a graça assume função purificadora, de modo a curar o espírito com sua luz e amor, para, então, divinizá-lo. A partir disso, compreendemos que a graça atua de maneira a nos preparar para a fé, capacitando-nos a desenvolvê-la plenamente. É mediante esse processo que, na visão de Mouroux (p. 107), o indivíduo se torna apto a passar da intenção para ação, visando à união com Deus. Assim, em clima de serviço consciente, o homem é impelido, pelo amor, em suas fibras mais íntimas, a dar uma resposta, cuja motivação se ancora na vontade própria de se colocar em movimento ativo diante do chamado de Deus.

Este ato de aceitação e resposta é talvez o ato mais alto do homem e, no entanto, é inteiramente devido à graça. O resultado é que o homem pode dar uma resposta de amor que é totalmente divina porque vem totalmente de Deus e totalmente humana porque vem totalmente do homem. É uma resposta humana que foi divinizada. (MOUROUX, 1970, p. 108, tradução nossa)

Conforme as reflexões do autor, a graça ainda nos atinge no nível do intelecto, dando-nos o conhecimento, por meio de uma nova cognição iluminada pelo amor, para assimilarmos as afirmações divinas que nos ligam à fé: "nosso coração recebe os olhos de Cristo (...) e isto é assim porque Cristo nos dá o princípio divino do conhecimento, o Espírito Santo, seu Espírito" (MOUROUX, 1970, p. 108).

No contexto da graça de Deus, o batismo desempenha um papel fundamental de aperfeiçoamento da fé. Demonstra-nos Mouroux (p. 109-110) que a fé se confirma oficialmente mediante o sacramento batismal, o qual permite que o catecúmeno receba a ação do Espírito que transforma-o integralmente, conduzindo-o à vida de fé. Assim, em um nível mais concreto, o cristão é chamado a testemunhar, bem como a expressar seu ato interior de liberdade em ações externas, colocando-o a serviço da fé (Ibid., p. 110-112). É nessa atmosfera de trabalho que Mouroux ressalta a presença da obediência e da adoração. Por se tratar de uma atitude livre, o ato de fé se apresenta como uma homenagem amorosa pela qual o crente se submete a (Ibid., p. 113).

Por fim, a perspectiva de Mouroux nos esclarece que a fé é, ao mesmo tempo, sacrifício moral e realização do crente. É por meio da fé que somos capazes de nos libertar de nossas visões egoístas e fechadas, a fim de nos renovar e nos realizar em Cristo, despertando nossa percepção para captarmos as verdades divinas: "A fé nos separa do prazer mundano porque nos dá o gosto da alegria divina (...)". (MOUROUX, 1970, p. 115).

2. A visão trinitária e cosmoteândrica de Raimon Panikkar

A visão trinitária e cosmoteândrica de Raimon Panikkar nos diz que Deus-Homem-Cosmos compõem a realidade, a partir de uma colaboração íntima, recíproca e constitutiva entre si (PANIKKAR, 2016, p. 178). Para o autor, assumir o cosmoteandrismo é uma incumbência que nos compete realizar na contemporaneidade a fim de ampliarmos a percepção em torno da realidade de modo a aceitá-la e vivê-la de maneira integral. Nesse sentido, não basta reconhecer a existência de uma abertura a Deus ou de uma relação externa do Homem ou do Cosmos com a Divindade: é preciso considerá-las em um conjunto harmônico, de modo que as três dimensões se interpenetrem (Ibid., p. 228). Diante de suas pesquisas, Panikkar propõe aplicar tal perspectiva à totalidade da existência. Assim, sob essa ótica, toda a realidade seria constituída por uma Trindade, a qual se conecta por meio de relações recíprocas entre si.

O princípio cosmoteândrico poderia se formular dizendo que o divino, o humano e o terreno são as três dimensões irreduzíveis que constituem o real, isto é, toda a realidade enquanto real. (...) Este princípio nos recorda que as partes são partes e que estas não estão justapostas acidentalmente, mas essencialmente relacionadas com o todo. (PANIKKAR, 2016, p. 330)

A partir disso, compreendemos que não existem três realidades distintas, tampouco uma única realidade, mas, sim, uma realidade cosmoteândrica. Esta visão, portanto, percebe Deus-Homem-Cosmos como

dimensões constitutivas de um todo, assim como os membros constituem um único corpo.

Tomando como base a perspectiva cristã¹, Panikkar supõe que a Trindade seja o ponto de encontro dos aspectos espirituais que estabelecem as religiões (PANIKKAR, 2016, p.146). Ao afirmar que a Trindade se trata mais de uma experiência vivida do que de uma doutrina revelada (Ibid., p. 145), o teólogo índio-catalão demonstra, em suas reflexões, como as formas de espiritualidade que caracterizam a humanidade podem se conciliar desde a visão trinitária. Segundo Panikkar, a espiritualidade acompanha o homem do berço ao túmulo, representando uma atitude fundamental do homem. Enquanto a religião se encontra dentro de uma estrutura específica e doutrinal, a espiritualidade se apresenta mais flexível, localizando-se à margem dos ritos e dogmas (Ibid., p. 113). Sob esse prisma, Panikkar esclarece que a espiritualidade se trata de uma atitude mental, a qual pode ser atribuída a diversas religiões, uma vez que não está diretamente ligada a uma instituição em particular. A fim de alcançarmos uma percepção mais fina sobre o raciocínio cosmoteândrico, descrevemos, a seguir, as três principais formas de espiritualidade determinadas pelo teólogo índio-catalão.

ICONOLATRIA	Espiritualidade na qual o indivíduo busca se aperfeiçoar por meio da adoção de um ídolo ou ícone que se encontra, concomitantemente, fora, dentro e acima, atraindo, inspirando e dirigindo, respectivamente. Dá à vida humana orientação para a <i>ação</i> .
PERSONALISMO	Espiritualidade na qual Deus é o mistério mais profundo da alma humana, o qual só pode ser descoberto pelo amor, por meio do diálogo em uma íntima relação pessoal. Não se pode viver sem <i>amor</i> e não se pode <i>amar</i> sem esta verticalidade.
MISTICISMO	Espiritualidade na qual o indivíduo penetra profundamente no ser, a fim de encontrar a possibilidade de viver em plena aceitação da sua humanidade. Ressalta as exigências do <i>intelecto</i> ou da <i>intuição</i> .

Quadro organizado a partir das ideias de Raimon Panikkar (2016, p. 114).

A perspectiva de Panikkar considera que a plenitude humana só é alcançada na medida em que o indivíduo cultiva, de maneira harmônica e sem hierarquia de valor, as três formas de espiritualidade apresentadas acima. Isto significa, portanto, que a espiritualidade humana se manifesta por meio de um caminho trinitário. Nesse cenário, Panikkar (2016) afirma que a Trindade é capaz de engendrar um encontro entre as religiões, no qual é possível destacar os aspectos religiosos e culturais de cada uma

¹ Os estudos de Panikkar visam à promoção do diálogo entre as religiões. A esse respeito, o autor esclarece que o encontro entre as diversas tradições só pode acontecer no centro de cada uma delas, do contrário, corre-se o risco de se localizar em uma "terra de ninguém", a qual promoveria o individualismo e o subjetivismo. Por isso, ao propor uma visão cosmoteândrica da realidade, Panikkar se apoia no campo cristão.

delas. É a partir dessa premissa que o autor declara a viabilidade da transcendência cultural, a partir de sua inclusão:

Na intuição trinitária, convergem as visões mais profundas das religiões que transcendem o acervo particular de uma determinada cultura. Na experiência trinitária, se encontram em profundidade e mútua fecundação as diferentes atitudes espirituais sem forçar nem violentar as particularidades fundamentais das distintas tradições religiosas. (PANIKKAR, 2016, p. 146-147, tradução nossa).

Ao assumir uma percepção trinitária da realidade, Panikkar aponta, de maneira abrangente, os aspectos desses três caminhos, que, na sua visão são irreduzíveis (PANIKKAR, 2016, p. 145). Descrevemos, abaixo, os principais pontos destacados pelo autor no que diz respeito ao Pai, ao Filho e ao Espírito.

PAI	FILHO	ESPÍRITO
<ul style="list-style-type: none"> • É apenas um; • Abarca tudo e não há nada fora dEle; • Não tem existência; • Deu tudo na geração do Filho; • Só se chega a Ele por meio do Filho; • Tudo vai até Ele e tudo procede dEle; • É a rocha que nos serve de base; • É verdadeiramente transcendente e infinito. 	<ul style="list-style-type: none"> • É o Pai feito visível; • É aquele que é; • É aquele que atua; • Nele o todo existe; • Proporciona a experiência de uma relação pessoal com o homem; • É o vínculo entre o criado e o não-criado; • É o mediador da redenção e da transformação do mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sua revelação é a revelação de Deus imanente; • É a comunhão entre o Pai e o Filho; • É imanente ao Pai e ao Filho; • Passa do Pai ao Filho e vice-versa; • Permite compreender a mensagem do Filho; • Realiza a divinização no Homem; • Somente nele há a verdadeira conversão.
Fonte - Eu	Ser - Tu	Retorno ao Ser - Nós

Quadro organizado a partir das ideias de Raimon Panikkar (2016, p. 147-171).

Diante das particularidades apontadas pelo autor, deparamo-nos com uma realidade de dinâmica, na qual o Ser - e os seres - existem ao procederem da Fonte e ao fluírem no Espírito (o *Nós*), que, por sua vez, reúne a todos em uma união integral (PANIKKAR, 2016, p. 171). Enquanto a tradição cristã considera a relação do Deus trinitário com o mundo, a partir dos conceitos em torno da Trindade econômica, a intuição de Panikkar pretende tratar de uma *Trindade radical*, isto é, que representa uma

constante humana e pode ser aplicada à realidade como um todo. Tal noção radical da Trindade está ancorada na experiência *cosmoteândrica*, na qual o Cosmos se une à relação Deus-Homem, a fim de oferecer um panorama mais integral sobre a busca da humanidade pelo divino no mundo. Ressaltamos, ainda, que, nesta proposta, Panikkar parte da hipótese de que a dignidade humana está no fato de que Deus, o Homem e o Mundo estão comprometidos entre si, em um único propósito (Ibid., p. 185).

É com base no contexto apresentado que Panikkar delinea as particularidades de uma espiritualidade cosmoteândrica, a qual, na sua concepção, constitui uma maneira mais madura de lidar com a relação entre as três dimensões constitutivas da realidade.

Esta espiritualidade combina, em síntese harmônica, as três dimensões de nossa vida. Nela há *contemplação*, que é algo mais que pensamento; *ação*, que não limite seu horizonte à construção da cidade eterna - Deus, que não é unicamente um Juiz ou um Olho scrutador -, *amor*, que ultrapassa todo sentimentalismo; *oração*, que não se limita à petição, tampouco à adoração, mas que é também silêncio; *apofatismo*, que não desemboca em niilismo; *espaço* e *tempo*, que não são passageiros, mas são dinamismo criador; e, sobretudo, *inteligência*, que faz com que possamos falar consciente e responsabilmente de tudo isso. (PANIKKAR, 2016, p. 185, tradução nossa)

No tópico a seguir, dedicar-nos-emos a compreender os aspectos que compõem a espiritualidade cosmoteândrica, a fim de relacioná-los ao pensamento de Jean Mouroux, apresentado anteriormente.

3. A fé católica e a espiritualidade cosmoteândrica

As reflexões de Raimon Panikkar (2016, p. 173) apontam para o fato de que a perspectiva trinitária seja uma constante humana, visto que está presente na realidade (divino, humano e cósmico), no homem (corpo, alma, espírito) e no mundo (espaço, tempo e matéria). No que diz respeito à Trindade, a perspectiva da fé católica apresentada por Jean Mouroux nos lembra que, em Jesus, expressam-se, inteiramente, o mistério de Deus e o mistério do homem. Se, por um lado, o mistério de Deus se manifesta em Jesus Cristo, porque ver o Cristo é o mesmo que ver o Pai e o Espírito; por outro, o mistério do homem se manifesta n'Ele, porque, como seres humanos, necessitamos da Sua redenção, a fim de que sejamos divinizados n'Ele e por Ele (MOUROUX, 1970, p. 85). Tal raciocínio auxilia a sustentar a ideia de que, para Mouroux, o cristianismo apresenta a verdade sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo - concepção também tripartite que se aproxima da visão cosmoteândrica de Raimon Panikkar.

Enquanto a fé católica se vincula à instituição da Igreja, traduzindo-se como uma religião estruturada, com seus dogmas e práticas bem definidas, a espiritualidade cosmoteândrica de Panikkar não se liga a uma organização específica, sugerindo, assim, uma primazia do espírito, de modo a colocá-lo como fonte de toda atividade. Isto permite que a visão cosmoteândrica possa ser aplicada e vivida em realidades diversas, concomitantemente.

A espiritualidade cosmoteândrica, apesar de sua linguagem particular, não é uma espiritualidade "confessional", tampouco "sincretista", mas pode ser considerada o fundamento de toda espiritualidade humana encarnada - em "relação transcendental" com cada espiritualidade. (PANIKKAR, 2016, p. 370)

Não obstante o aspecto confessional da fé católica represente seu principal distanciamento perante a espiritualidade cosmoteândrica, o *amor* é o fio condutor que aproxima ambas perspectivas. Sob o ponto de vista católico, Mouroux esclarece que o objeto próprio da verdade revelada é o amor, o qual se manifesta, em essência, como o conteúdo e a verdadeira realidade do cristianismo: "Sem um amor que seja verdadeiro e constante até o fim não há acesso possível à verdade, nem real posse da verdade, tampouco progresso perceptual na verdade" (MOUROUX, 1970, p. 86). Em contrapartida, a visão cosmoteândrica de Panikkar nos diz que o amor é o que une todas as especificidades desta espiritualidade, como um cordão que reúne as pérolas em um único colar: "O amor não é uma abstração; o amor real sempre está encarnado e esses *sutras*² são apenas cristalizações que brilham quando o amor os ilumina unindo-os" (PANIKKAR, 2016, p. 370).

Na construção de sua reflexão, Raimon Panikkar estabelece nove ensinamentos concernentes à espiritualidade cosmoteândrica que se apresentam como passos, cujas características se unem intrinsecamente de modo que uma etapa, naturalmente, leve à outra a partir de um fluxo ininterrupto. São eles: 1) A primazia da vida; 2) A vida como o tempo do ser; 3) O ser como manifestação da palavra; 4) A palavra como som do silêncio; 5) O silêncio como abertura ao vazio; 6) O vazio como espaço da liberdade da ação; 7) A ação como descobrimento do mundo; 8) O mundo como lugar do homem; 9) O homem como partícipe do divino. Diante do exposto, tomaremos como fundamento os aspectos da espiritualidade cosmoteândrica, a fim de identificarmos, a seguir, alguns dos principais pontos de aproximação e distanciamento deste pensamento em paralelo

² Em sua obra *Visión trinitaria y cosmoteândrica: Dios-Hombre-Cosmos*, Raimon Panikkar se baseia na perspectiva cristã, apoiando-se, entretanto, nos diversos ensinamentos hindus, a fim de delinear uma nova espiritualidade. Ao tratar dos aspectos que compõem a espiritualidade cosmoteândrica, o autor se refere a seus escritos como *sutras* que devem se encarnar, isto é, ensinamentos religiosos em forma de texto que precisam tomar forma, sendo trazidos para a matéria.

com a fé católica. Visamos, a partir disso, alcançar um panorama mais amplo desta relação.

	ESPIRITUALIDADE COSMOTÊANDRICA	FÉ CATÓLICA
VIDA	Destaque à experiência da vida, a qual se apresenta como universal no homem. Nesta perspectiva, todo homem é consciente da própria vida e tende a organizá-la de acordo com uma série de valores, que podem ser recebidos ou encontrados, mas sempre aceitos por ele. Assim, a experiência da vida está disponível a todo homem, permitindo-nos vivê-la em sua plenitude.	Noção de que, pela fé, a vida humana apresenta-se como a história do encontro de Deus com o homem. O ato de fé é o início da vida eterna, na qual tomamos parte na vida íntima de Deus. Nesse sentido, Jesus Cristo é o "caminho, a verdade e a vida" (Jo14,6). A fé, portanto, leva o homem da morte à vida, a fim de que possua a vida eterna.
TEMPO	Atenção ao fato de que o tempo de vida neste mundo é limitado. Tomar consciência disso nos dá a oportunidade de descobrirmos o núcleo de nossa vida, despertando em nós a serenidade, que, por sua vez, leva-nos à felicidade.	Entendimento de que o exercício da fé é a atividade e o poder por meio do qual se alcança a vida eterna. A fé é, nesse sentido, orientadora para a vida humana.
SER	Ênfase na humanidade do indivíduo. Busca a humanização de nossas relações, a partir de uma atitude de escuta da realidade. Inicia-se pela natureza e culmina nos semelhantes. Aqui, o ser é a manifestação da palavra.	Crença de que o espírito humano tem capacidade para o divino e que o Espírito de Cristo veio ao mundo para divinizar o homem. Nesse sentido, a Palavra de Deus toma forma humana para que seja entendida.
PALAVRA	Tendência ao silêncio em detrimento da expressão diante de cada acontecimento e coisa. Deixa que as palavras surjam do silêncio mesmo das coisas. É, por isso, tolerante e de paz.	Percepção de que a Palavra de Deus é o objeto da fé. Tal Palavra se vincula à ação, pois cria e se manifesta por meio de obras. Na fé católica, a Palavra de Deus é a Palavra de Cristo, por isso, é realmente divina, expressa de maneira genuinamente humana. Aqui, a Igreja tem a função de pregar a palavra falada, preservando-a.
SILÊNCIO	Predisposição ao contato com toda a realidade, mesmo que esta seja infinita e misteriosa. Supera a aproximação mental da realidade, incluindo, no entanto, a dimensão intelectual. É uma espiritualidade mística.	Ideia de que a graça chama todo homem a entrar no mistério divino. O objeto da fé precisa ser aceito como um mistério que será sempre um mistério. No entanto, o ato de fé é, ao mesmo tempo, sobrenatural e racional.
VAZIO	Consciência do que se é. Por isso,	Afirmação daquilo que não se vê por

	<p>não busca a realização daquilo que não se tem. A descoberta do vazio nos leva à experiência da liberdade. Procura-se superar o pensamento, levando-nos à liberdade de ação, a qual não se determina por uma finalidade específica. Nesta perspectiva, a experiência do vazio corresponde à descoberta da realidade como <i>creatio continua</i>, promovendo o desapego libertador.</p>	<p>total confiança nAquele que vê. Tal atitude exige do crente renúncia de uma autonomia fechada e superação dos racionalismos. Por meio dessa entrega livre, entra-se no misterioso mundo do Deus invisível. A fé é um ato de adoração, por meio do qual nos damos inteiramente ao Deus infinito que entra em nossas vidas.</p>
AÇÃO	<p>Convite ao homem para que seja coautor da realidade. Por ser humana, esta espiritualidade não contempla, unicamente, alcançar o céu, mas também a construir uma comunidade justa. Nesta perspectiva, a ação consciente no mundo é um compromisso com a sociedade. Aqui, entende-se que o homem deve buscar a justiça na terra, mas que o reino está em nosso interior.</p>	<p>Compreensão de que a fé tem que ser vida, precisa dar frutos. Assim, o ato livre de fé deve se expressar por meio de ações externas. Pede ao crente que dê testemunho por meio de uma fé que seja amor e serviço ao próximo. Inicialmente, o homem é um ser passivo quando o Espírito vem lhe chamar, mas, ao aceitar o convite de Deus, pela vontade, transforma seu movimento, ativando sua capacidade de resposta.</p>
MUNDO	<p>Compreensão da dimensão material como parte da realidade assim como o divino o é. Nesta visão, realidade material e espiritual nos pertencem igualmente e não há um polo sem o outro. Enquanto terrestre e corporal, o homem é um templo do Espírito Santo. Aspira-se alcançar a plenitude do homem. Por ver o divino no homem, é uma espiritualidade da encarnação.</p>	<p>Por meio da fé, toda a criação divina se torna do homem. O crente toma parte na vida do universo inteiro e de todas as criaturas. O crente não é apenas algo que veio ao mundo, mas parte de um mundo transformado pela graça de Deus. Assim, o homem toma parte no processo de descoberta e de transformação do mundo de Deus e do mundo em Deus.</p>
DIVINO	<p>Percepção de que o Todo está em todas as coisas, compreendendo que uma coisa é coisa porque, de certa maneira, reflete o Todo. Esta espiritualidade auxilia o homem a viver o que ele é: um mediador entre Céu e Terra. Guia o homem nos assuntos terrestres e na busca pelo divino. Nesta perspectiva, o homem é interpelado por um Outro, descobrindo o divino transcendente e imanente em toda a realidade.</p>	<p>Imagem de um Deus pessoal que vem até o homem. Há um chamado divino misterioso e real por meio da graça. Deus convida os homens à fé, porque esta é condição para a salvação. Há, ainda, um chamado exterior, que se apresenta por meio da Palavra de Deus, de sinais, da Igreja, etc. Reconhece Deus por meio de Jesus Cristo, que O revela. A fé, nesse contexto, é a atividade humana que Deus requer para unir o homem a Ele mesmo. Aqui, Cristo é o mediador que participa dos mundos humano e divino e os une em si mesmo.</p>

Quadro organizado a partir dos conceitos de Raimon Panikkar (2016, p. 371-429) e de Jean Mouroux (1970, p. 79-115).

Em caráter de conclusão, vale ressaltar algumas concepções em torno de *Deus*, do *homem* e do *cosmos* (ou mundo) na dinâmica que compõe tanto a fé católica quanto a espiritualidade cosmoteândrica.

A respeito de *Deus*, Mouroux (1970, p. 80) assevera que o Deus cristão é o Deus da glória e da salvação, que atua dentro da história, de modo a chamar os homens a se salvarem. Nessa perspectiva, Deus dá a Si mesmo, em Jesus Cristo, para entrar em uma comunhão progressiva com o homem. De maneira distinta, a visão de Panikkar, considera o divino como presente no Todo, cujo reflexo se faz presente em cada parte da criação. Sobre a temática do *homem*, conforme os estudos de Juan Alonso (2006, p. 182), a antropologia teológica de Mouroux valoriza todas as dimensões da pessoa humana - seu corpo, sua interação com a realidade terrena, sua índole social e histórica, etc. - no encontro pessoal de Deus com o homem que acontece na fé. Isto significa que o ser humano, de maneira alguma, é estranho ao cristianismo, de modo que sua humanidade constitui ponto fundamental da fé. Tal visão se aproxima da realidade cosmoteândrica, visto que esta se define como espiritualidade essencialmente humana e, portanto, da encarnação. Por fim, no que tange ao *mundo*, Mouroux (*apud* ALONSO, 2006, p. 189), ao considerar o homem um espírito encarnado, chama-nos a compreendê-lo como um ser que está imerso no mundo e, por isso, o corporal e o terreno se apresentam como valores essenciais. A fé cristã, sob essa ótica, percebe o mundo como um chamado de compromisso ao homem, o qual deve aperfeiçoar a criação, a fim de servir a Deus e homenageá-lo (*Ibid.*, p. 190). De forma análoga, Panikkar considera que o mundo integra a realidade tanto quanto o divino e é nele que o indivíduo é capaz de alcançar a sua plenitude. A partir disso, a perspectiva do autor também chama o homem a assumir sua responsabilidade diante do mundo, a qual repercute, primeiramente no ambiente em que se encontra e, conseqüentemente, em toda sua existência (PANIKKAR, 2016, p. 196). Dessa maneira, percebemos que *Deus*, *homem* e *cosmos* representam as unidades essenciais que constituem os pilares de sustentação tanto da fé católica como da espiritualidade cosmoteândrica, cada uma à sua maneira.

Considerações finais

A perspectiva de Jean Mouroux nos ensina que a fé deve existir como um ato religioso. Ainda que o termo "religião" tenha se transformado, ao longo da história, em sinônimo de instituição social, a palavra carrega uma dimensão de religiosidade, cuja etimologia descreve aquilo que liga ou religa o espírito com a alma ou com o corpo. De acordo com Panikkar, o termo em questão ainda se refere à união dos homens entre si, com a terra, com o universo inteiro, restabelecendo o vínculo com o Mistério, o Infinito e Deus (p. 368). Nesse sentido, a fé católica apresentada por Mouroux encontra-se em ressonância integral com as raízes etimológicas da palavra "religião", uma vez que propõe uma entrega total ao Deus infinito

(MOUROUX, 2016, p. 95). A visão cosmoteândrica, por sua vez, opta pelo uso da palavra "espiritualidade", a fim de ressaltar o espírito como fonte de toda atividade, sugerindo sua primazia (PANIKKAR, 2016, p. 367). A partir disso, percebemos que ambas abordagens seguem caminhos distintos, mas não contrários.

Analisando o conteúdo apresentado podemos concluir que, quando colocada em perspectiva com a espiritualidade cosmoteândrica, a fé católica se encontra em um local específico da história e, embora seja destinada a todos os homens, parte de uma perspectiva menos abrangente. Sob outro ponto de vista, a espiritualidade cosmoteândrica, por se tratar de uma proposta de caráter mais holístico, torna-se aplicável a diversas realidades, surgindo como possibilidade de diálogo entre o cristianismo e as diversas tradições sem, no entanto, excluí-las ou anulá-las. Compreendemos, dessa maneira que, ao contrário de se contraporem, apesar das diferenças existentes, espiritualidade cosmoteândrica e fé católica são perspectivas capazes de se complementarem, a partir do profundo respeito de uma pela outra. Nesse sentido, a espiritualidade cosmoteândrica pode ser encontrada dentro dos aspectos que determinam a fé católica, assim como em outras tradições. Tal fenômeno favorece as possibilidades de trânsito perceptual por entre as diversas interações religiosas que a contemporaneidade nos proporciona.

Em suma, as reflexões aqui expostas pretenderam, sem intenção de esgotar o assunto, contribuir para o aprofundamento da fé, bem como para sua abertura ao mundo, a fim de nos orientarmos em direção à uma harmonia inter-religiosa tão necessária ao tempo em que vivemos. Assim, investidos de maior consciência acerca de nossa fé enquanto cristãos, poderemos tomar parte, de maneira mais consciente e genuína, na descoberta do mundo de Deus e do mundo em Deus.

Referências

ALONSO, Juan. Sentido cristiano del hombre: la antropología teológica de Jean Mouroux. *Anuario Filosófico*, Navarra, XXXIX/1, p. 179-210, 2006. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/83567681.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Lumen Fidei*. Roma: 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MOUROUX, Jean. Naturaleza y estructura de la fe católica. *Hacia una teología de la fe católica*, Santander, p. 79-115, 1970.

PANIKKAR, Raimon. *Visión trinitaria y cosmoteándrica*: Dios-hombre-cosmos. Barcelona: Herder, 2016.

VATICANO. *A profissão da fé*. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap2_422-682_po.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.